

39

Centro de Pastoral Verguineiro
14 MAR 1986
SETOR DE DOCUMENTAÇÃO

VIDEO

Popular

N.º 05 - ANO III - JUNHO 1986 BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DE VÍDEO NO MOVIMENTO POPULAR

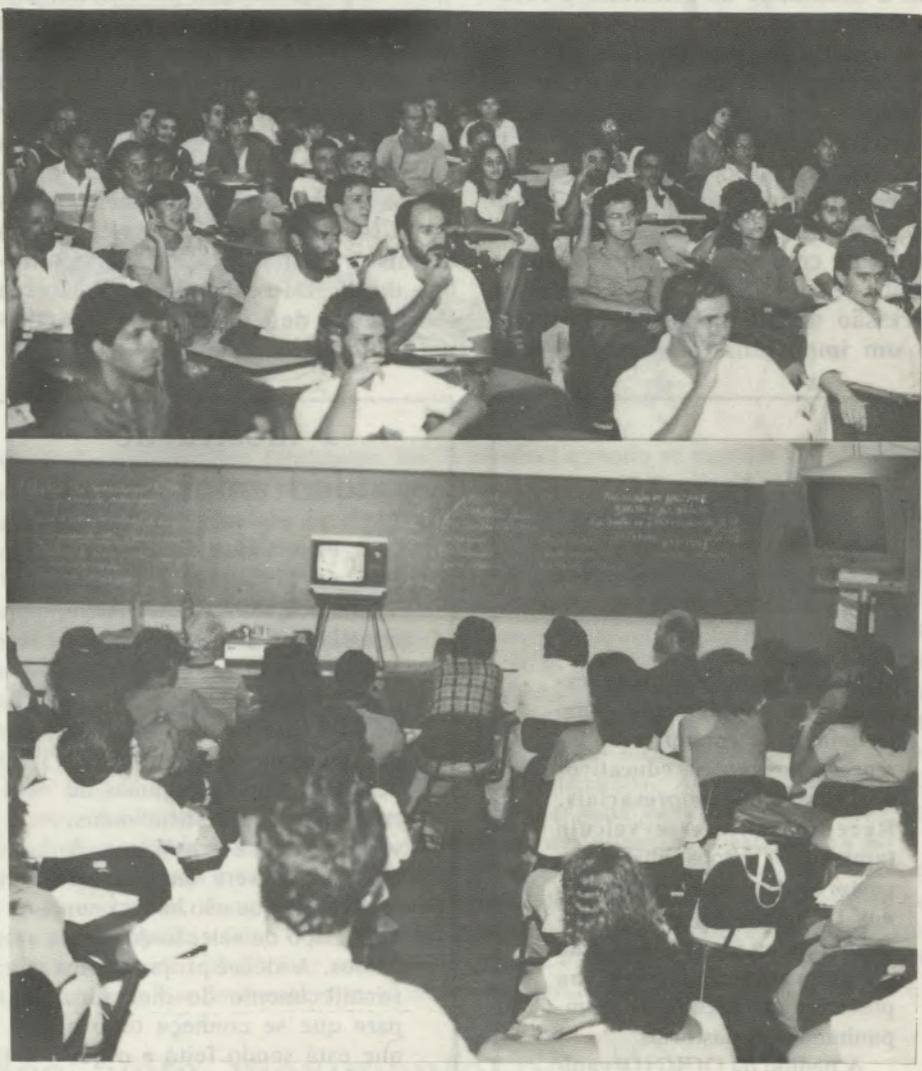
II ENCONTRO: um grande sucesso

Escola de Comunicações e Artes — USP, 31 de março. Começam a chegar do Rio Grande do Sul, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Mato Grosso e, principalmente do Estado de São Paulo, os participantes do II Encontro de Vídeo no Movimento Popular para as atividades programadas. Naquela noite, um debate sobre a questão da “Linguagem no Vídeo Popular” com a presença da semióloga Anna Maria Balogh e do jornalista e crítico de TV Gabriel Priolli Neto. Um sucesso. Os cem participantes do debate estavam no dia seguinte organizados em três grupos: Linguagem, Distribuição e Curso Básico de Vídeo.

À noite, nova mesa-redonda. Agora, para discutir com Eduardo Coutinho (“Cabra Marcado para Morrer”), Eduardo Homem (TV Viva) e Roberto Salatini (Olhar Eletrônico). A diversidade de projetos possibilitou uma rica troca de experiência e a discussão se desenrolou por horas.

No sábado à tarde, em plenária, a troca das discussões ocorridas. O grupo de “Linguagem” apresentou um relato da discussão. A dinâmica da narrativa, o resgate cultural, o vídeo doutrinário e a integração com a comunidade foram os principais pontos levantados. O grupo de “Distribuição” propôs que além da Mostra Itinerante que percorreria todo o País, a Associação tivesse como perspectiva a exibição de trabalhos em espaços maiores, como por exemplo o U.H.F. Também sugeriu que os grupos, ao organizarem os projetos, incluíssem o seu próprio plano de distribuição. A Associação, por sua vez, deveria implementar convênios com outras entidades, viabilizando um intercâmbio de experiências.

O II Encontro articulou também as regionais que passam a ter um papel fundamental para a Associação e criou três grupos de discussões permanentes: Linguagem, Democratização da Informação e Vídeo e Movimento Popular.



Quem se interessar por participar de um desses grupos deve escrever para a Caixa Postal da Associação para que possam ser estruturados os grupos através da coordenação e das regionais. Mas escreva logo, pois as atividades de grupos começarão em breve.

IMPLEMENTAÇÃO DAS REGIONAIS

As resoluções do II Encontro Nacional de Vídeo do Movimento Popular apontam as diretrizes a serem seguidas pela Associação neste próximo período, estabelecendo as prioridades de atuação.

Dentre essas resoluções, o que se coloca como um grande avanço é a implementação das regionais. Será com regionais atuantes que a Associação poderá responder prontamente às necessidades dos grupos.

Somente desta maneira será viável efetivar a mostra itinerante; aumentar a discussão sobre a questão da comunicação e do vídeo popular; buscar soluções para o problema de infraestrutura de distribuição, ampliando os espaços existentes e lutando pela conquista de novos.

Assim, a Associação dá um passo significativo em direção à consolidação do trabalho que vem realizando, contando com a participação dos grupos e dos filiados.

De olho em Curitiba

A Cinemateca do Museu Guido Viaro, órgão da Fundação Cultural de Curitiba, abriu recentemente um espaço para o vídeo. Fundada há 10 anos, sempre teve sua atenção voltada à recuperação e preservação da memória cinematográfica paranaense e nacional. Durante todo esse tempo, realizou diversos cursos e concursos com a finalidade de estimular e revelar valores nos mais variados campos da atividade cinematográfica.

Atualmente, uma série de novas produções em vídeo são incorporadas ao cenário cultural paranaense. Muitas delas, feitas por realizadores com experiência anterior em cinema; outras, por pessoas que se iniciaram diretamente com o vídeo. Esse conjunto destaca-se não apenas como forma de expressão artística, mas também como um importante elemento de dis-

cussão das lutas do movimento popular. Segundo a opinião de Francisco Alves dos Santos, diretor da Cinemateca, a década de 70 permitiu o aparecimento de uma geração de cineastas paranaenses. Porém, a revelação de novos talentos na década de 80 ficará por conta do vídeo.

Na programação da Cinemateca, há um espaço mensal para exposições de vídeo. Nessas sessões, a prioridade é para a produção paranaense e para o vídeo independente de um modo geral. São também organizados cursos teóricos e práticos de vídeo. Em agosto passado, ocorreu o primeiro curso de "Cinema e Vídeo", resultando em alguns trabalhos práticos. Em outubro de 85, foi realizada a "I Mostra Paranaense de Vídeo", com a participação de vários Estados.

O vídeo também está sendo utilizado dentro do projeto "Cinema para Todos". Esse projeto, iniciado em outubro do ano passado, compreende a exibição e discussão de filmes e vídeos nos bairros periféricos. Numa segunda fase, prevê a sua própria feitura nesses locais.

Para o diretor da Cinemateca, o cinema e o vídeo não são conceitos antagônicos. Os dois são, por definição clássica, a imagem em movimento. A diferença entre eles está apenas no mecanismo de consecução dessa imagem. A Cinemateca do Museu Guido Viaro pretende ser o lugar onde esses veículos de naturezas similares possam atender às exigências de uma comunidade cada vez mais entrosada com as novas técnicas de expressão artística.

Vídeo Y Pastoral

O videocassete vem se expandindo rapidamente como tecnologia de comunicação integrada aos centros educativos e organizações empresariais. Recentemente esse veículo também se impôs nos meios pastorais. Presta-se ao auxílio nos trabalhos de evangelização, tanto na área de produção de programas como na sua posterior utilização nos acompanhamentos pastorais.

A pedido da OCIC (Organização Católica Internacional de Cinema e Audiovisual - América Latina), o pesquisador Jeremiah O' Sullivan Ryan transformou em livro dos dados de sua pesquisa com instituições eclesiais que se utilizam do videocassete.

No livro "Video Y Pastoral", o autor analisa os vários processos ligados à implantação desse veículo nos meios pastorais, desde a elaboração de um programa até a sua distribuição. Ryan também propõe temas de reflexão a favor da adoção do vídeo como instrumento imprescindível à ação pastoral da igreja.

I mostra de vídeo empresarial

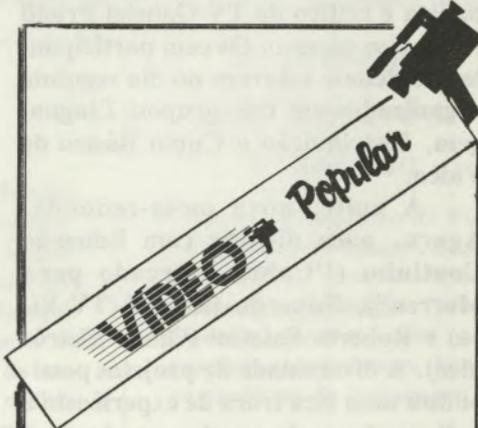
A Fast Vídeo estará organizando a "I MOSTRA DE VÍDEO EMPRESARIAL" nos dias 20, 21 e 22 de agosto em São Paulo.

Empresas que se utilizam do vídeo terão a oportunidade de apresentar seus trabalhos. Serão exibidos programas de treinamento, institucionais, videojornais, entre outros. A mostra não será um simples festival, já que não haverá nenhum tipo de seleção dos trabalhos. A idéia é propiciar um fortalecimento do mercado, para que se conheça tudo o que está sendo feito e o que se pode ainda fazer em matéria de vídeo, estimulando a sua utilização em áreas onde ele ainda não chegou.

I Muestra

As "redes Cine-Vídeo" promoverão no México, de 17 a 23 de outubro, a "1ª Muestra de videofilme en el ágora". As produções deverão ter a duração mínima de 50 minutos.

A intenção da Mostra é reunir produtores que lutam pela conquista de novos espaços em vários países.



VIDEO Popular

EXPEDIENTE

Vídeo Popular n.5
maio/junho

Apoio — Departamento de Jornalismo e Edição da ECA/USP e Fundação Ford

EDITORA — Lina Cristiane de Albuquerque

COLABORADORES

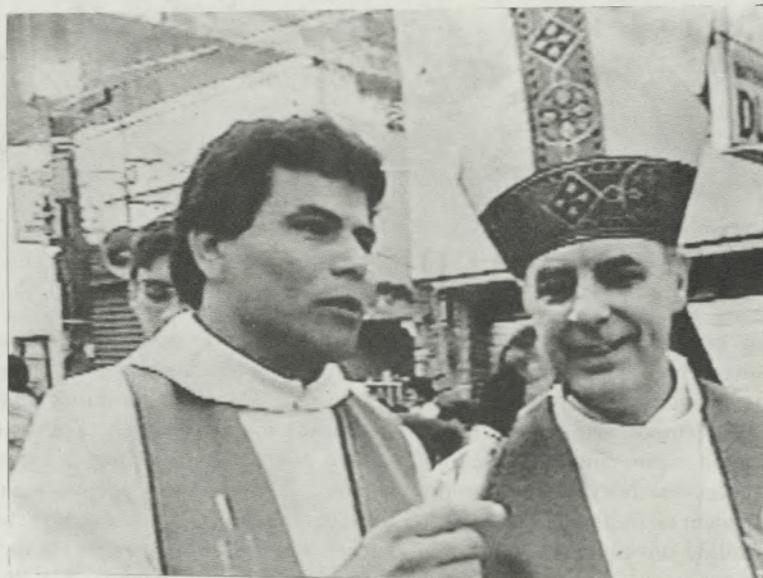
Nancy Barbosa, Luiz Fernando Santoro, Tito Ros, Jacira Melo, Tatiane Calvo, Dilson Marinho., Regina Festa, Cristina Maieiro

NO AR TV BIXIGA

No dia 4 de abril, o bairro do Bixiga esteve em festa. Muita música e animação na Rua 13 de Maio. Os moradores e freqüentadores da região de olho nos seis monitores de vídeo instalados próximos à Igreja Nossa Senhora Achirópita. Todo mundo curioso para assistir ao primeiro programa sobre o bairro produzido pela Fast Vídeo e pelo Museu do Bixiga. Era a TV Bixiga — experiência pioneira de televisão de bairro em São Paulo — que à meia-noite entrava no ar através do “Ondas Livres” da Gazeta.

A idéia de realizar um programa mensal que registrasse os acontecimentos do bairro mais boêmio da cidade partiu de Paulo Santiago, diretor do Museu do Bixiga e produtor da Fast Vídeo. Mas ele não tinha em mente um telejornal comum. Pretendia um programa dinâmico, discutido pelos próprios moradores do bairro. Seriam eles os pauteiros, repórteres e apresentadores da TV Bixiga.

Esse primeiro programa — uma homenagem ao compositor Adoniran Barbosa — foi um sucesso. Mostrou imagens da “Lavagem do Bixiga”, uma tradicional festa italo-afro-baiana; da divertida São Silvestre dos beberões da região, e da procissão de São José, o padroeiro do bairro. O repórter dessa procissão foi o padre Luís Roberto, um dos mais animados da paróquia.



Grupo de mulheres usam vídeo

A partir do ano de 1983, notamos um importante crescimento da produção e utilização do vídeo nos grupos organizados de mulheres. Nesses últimos três anos, foram realizados vários vídeos sobre a problemática feminina. Essas produções, feitas na sua maioria por mulheres, abordaram questões de trabalho, violência, saúde e creche.

Data também de 1983 a formação de coletivos de mulheres para o trabalho com o vídeo. Uniram-se, desenvolvendo um projeto experimental, as roteiristas, câmeras, iluminadoras e sonoplastas.

O vídeo vem provocando iniciativas no sentido de ampliar a distribuição e incrementar as produções. De um lado, são organizadas Videotecas para recolher e difundir materiais afins (ex-Centro Informação Mulher e Rede Mulher), de outro, alguns grupos adquirem o videocassete e incorporam-no nos seus trabalhos com associações de bairros, sindicatos e partidos.

No mesmo ritmo, estão sendo desenvolvidos projetos coletivos para novas produções. Também são empenhados esforços para aumentar a capacitação técnica das mulheres

envolvidas com o vídeo-tape.

Como mostra da receptividade a essa tecnologia, presenciamos nesse 8 de março — dia internacional dos direitos da mulher — a sua utilização nas palestras, debates, mesas-redondas e exposições.

— ALGUMAS REALIZAÇÕES FEMININAS

— “Quem tem peito pra isso?” de Regina Barbosa e Elizabeth Meloni — 18’

— “Fazendo Fita” de Maria Angélica Lemos — 20’

— “Pajens” de Fúlvia Roemberg — 16’

— “Brilho Profano” de Jacira Melo, Márcia Meireles e Silvana Afran — 26’ — Produção LILITH VÍDEO

— “Retrato de Mulher” de Carmem Barroso — 17’

— “Tá ligada nessa?” de Regina Barbosa e Elizabeth Salgueiro — 15’ — Produção SOS-CORPO/Recife

— “III Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe” de Jacira Melo e Márcia Meireles — 60’ — Produção LILITH VÍDEO

— “Contrário ao Amor” de Jacira Melo — 12’ — Produção LILITH VÍDEO



RIO, BRASIL: URGENTE

Os índios brasileiros já se acostumaram a conviver com os meios técnicos de captação de imagens desenvolvidos pela civilização. Há tempos vêm sendo filmados e fotografados por cinegrafistas, jornalistas e equipes de televisão do mundo inteiro. A imagem do índio tornou-se mercadoria garantida nos centros urbanos. A esse singular processo de espoliação, algumas tribos têm respondido através da cobrança de direitos de utilização de sua imagem. Ao mesmo tempo, algumas lideranças indígenas começam a perceber o poder da imagem no "mundo branco" e resolvem empregá-lo em seu próprio benefício.

No início de 1985, após contatos com lideranças do Parque do Xingu, Yanocula (Kamayurá) e Mekaron (Txukaramãe), uma equipe da Veneta-Vídeo — Mônica Frota, Renato Pereira e Tito Rios — começou a desenvolver um projeto de instalação de vídeo-tape em área indígena, bem como a capacitação de um grupo de índios em sua operação. Ficou acertado que os trabalhos deveriam resultar de entendimentos e esforços conjuntos e que seria indispensável uma fase de sondagem na área para testar a viabilidade técnica e política do projeto.

Durante 60 dias (junho e outubro de 1985) a equipe esteve em área indígena. Naquele período, a Veneta Vídeo estabeleceu formas coletivas de trabalho, com

participação direta dos índios na direção e execução das gravações. Realizou sessões públicas de TV contendo filmes sobre outros povos indígenas, reportagens concernentes aos índios e cenas da vida nas cidades. Alguns índios aprenderam operar o equipamento. As suas primeiras gravações foram acompanhadas. Finalmente, a equipe participou das gravações de mensagens e da troca de informações via vídeo entre quatro aldeias Kayapó (Kretire, Gorotire, Jarina e Aukre).

Das experiências desenvolvidas resultaram trinta horas de vídeo, um acervo fotográfico e um projeto — em fase de financiamento — de expresso interesse e vontade dos líderes das tribos Metunktire, Gorotire e Aukre. A idéia central é capacitar grupos de índios nas técnicas de utilização e conservação de aparelhos de vídeo e acompanhar a instalação de unidades de VT, formando um circuito de vídeo entre os Kayapó. Os objetivos do projeto são: possibilitar o intercâmbio de informações via vídeo, permitir o registro da vida tribal pelos próprios índios e elaborar um programa destinado à divulgação das experiências.

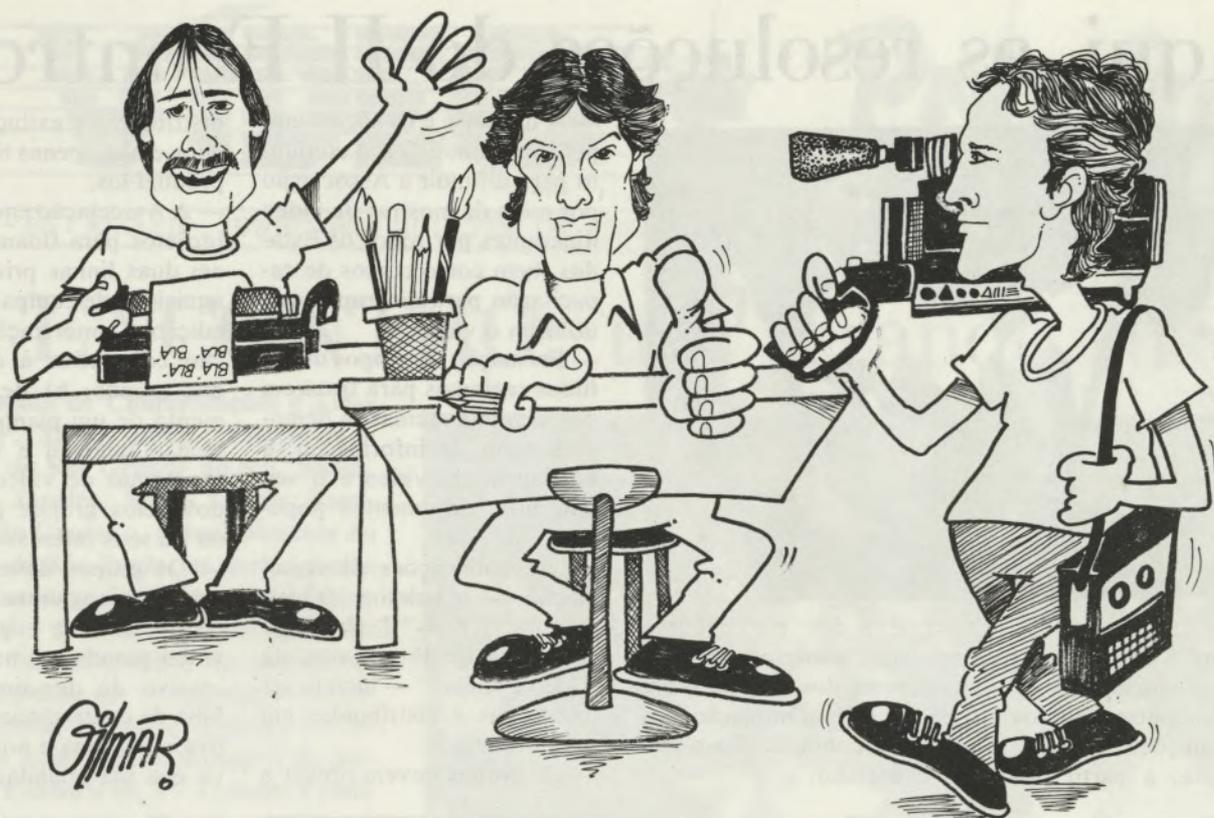
Caso você esteja interessado em nos auxiliar, queira maiores informações ou tenha alguma dica, entre em contato conosco. A Veneta Vídeo fica na Rua Visconde de Pirajá nº 336 aptº 601, CEP 22410 e o telefone é 227-3222, Rio de Janeiro.

Maringá: pequena porém eficiente

Visconde de Mauá, povoado rural da Serra da Mantiqueira. Há dois anos, esse local de apenas 5.000 habitantes vive a experiência de uma televisão comunitária.

Tudo começou quando dois moradores, José Tavares e Raimundo Alves, foram convidados pelos jogadores da região para gravar uma partida de futebol em VT. O que ninguém imaginava, no entanto, era que aquele jogo se tornaria o embrião da "TV Maringá". Uma produção estruturada com modestos recursos do VHS, que se vem firmando como um veículo de expressão importantíssimo para os moradores de Visconde de Mauá.

Hoje, pelo menos 100 pessoas reúnem-se semanalmente para assistir a uma programação bastante variada. Festas tradicionais, obras de artistas regionais, reivindicações políticas, etc. Tudo isso é matéria para a "TV Maringá". Afora o futebol, que continua sendo gravado, religiosamente, todos os domingos.



VÍDEO BIJs: um projeto pioneiro

Os frquentadores das Bibliotecas Infante Juvenis — BIJs — já podem ter contato com experiências que envolvam a criação e a produção em vídeo.

Um curso de vídeo de três meses foi o projeto-piloto desenvolvido pela Supervisão de Comunicação das BIJs do município de São Paulo em conjunto com quatro produtoras, todas ligadas à Associação Brasileira de Vídeo no Movimento Popular.

Esse projeto permitiu aos participantes, entre 10 e 14 anos de idade, conhecer e manipular o equipamento de vídeo. O curso demonstrou às crianças que, antes de qualquer coisa, é necessário ter em mente uma proposta inicial. O domínio da técnica é o meio de transformar essa idéia em um produto. Isso, naturalmente, só foi

possível quando se esgotou a curiosidade das crianças em torno do equipamento.

Os cursos se desenrolaram de forma diferenciada em cada uma das quatro unidades. Porém, todos os participantes elaboraram argumentos, roteiros, produziram, gravaram, editaram. Ao final do curso os participantes, coordenadores das bibliotecas e monitores se reuniram na Biblioteca Monteiro Lobato para conhecer e trocar impressões acerca dos trabalhos realizados. A avaliação final foi acompanhada com muita animação por parte das crianças. A expectativa geral é de que outros cursos se repitam. A continuidade deles faz parte de um projeto das bibliotecas. Porém, para que isso se concretize é necessário o apoio da Secretaria da Cultural do Município.

Curso de vídeo agita movimento popular

O ano de 1986 começou bem para o pessoal que trabalha com vídeo popular. Logo na segunda semana do ano, a comissão de vídeo do CEPS (Centro de Estudos Políticos e Sociais do ABC), mais conhecida como "ABC-Vídeo", promoveu e organizou um curso de vídeo popular tendo como objetivo principal desmitificar esta nova tecnologia da comunicação.

No início, como as vagas eram limitadas, foram convidados nominalmente alguns comunicadores diretamente vinculados a entidades popu-

lares, como por exemplo: Sindicatos, Associações de Bairro, Igreja, etc. Mas, devido ao interesse despertado, a equipe resolveu divulgar o curso pelas redondezas da sede do CEPS, fazendo com que outros interessados pudessem também participar.

Para ministrar as aulas foram convidados vários profissionais da produção independente. O curso foi estruturado da seguinte forma: equipamento, Roteiro, Produção e Edição. Essas aulas acabaram sendo dadas aos sábados, pois isso facilitava o acesso

dos alunos.

Os participantes, em número de dez, dividiram-se em dois grupos de cinco pessoas. Tiveram a oportunidade de produzir seus programas, passando por todas as etapas de uma produção, desde a elaboração do roteiro até a gravação e edição.

O DEBATE FINAL

No último dia do curso, houve um debate com realizadores de vídeo popular e profissionais da comunicação. O

intuito foi intercambiar as experiências dos grupos e trocar informações a respeito da produção de vídeo popular no Brasil.

Dentre os debatedores estiveram presentes Luis Fernando Santoro — professor de Rádio e TV da ECA-USP e presidente da Associação Brasileira de Vídeo no Movimento Popular —, Celso Maldos — integrante do departamento de Vídeo do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo —, e Jacira Melo — representante do grupo "Lilith-Vídeo".

Aqui, as resoluções do II Encontro



Dos diagnósticos e das discussões sobre a situação dos grupos e a produção dos vídeos, o II Encontro apontou algumas resoluções: — A Associação deve, a partir dos

interesses dos movimentos populares, participar mais intensamente dos debates sobre a maior democratização dos meios de comunicação e a livre expressão.

— A diretoria e os sócios empenharão um esforço conjunto para difundir a Associação por meio de mostras de vídeo itinerantes por todos os Estados, bem como cursos de capacitação para os grupos que utilizam o vídeo.

— Formação de grupos de estudos regionais para tratarem dos seguintes temas: a democratização da informação, a linguagem do vídeo e o seu uso nos movimentos populares.

— As publicações da Associação — o boletim "Vídeo Popular" e o "I Catálogo Brasileiro de Programas de Vídeo Popular" — devem ser divulgadas e distribuídas em maior número.

— Os grupos devem prever a

distribuição e exibição dos vídeos e não apenas limitar-se a produzi-los.

— A Associação encaminhará projetos para financiamentos em duas linhas principais: a) aquisição de equipamentos de edição e sonorização que serão colocados à disposição dos grupos; b) desenvolvimento de um plano de distribuição (aluguel e venda) de programas de vídeo produzidos pelos grupos populares ou de seus interesses.

— Os grupos devem refletir sobre as seguintes deficiências básicas da linguagem no vídeo popular: o número excessivo de depoimentos, a falta de contradições, a narrativa monótona e pouco criativa e a má qualidade técnica

Rodoviários na era eletrônica

Cada vez mais os sindicatos e as entidades ligadas ao movimento popular entram na era da mídia eletrônica. Desta vez foi o Sindicato dos Trabalhadores Rodoviários do ABC que investiu na compra de equipamentos de videocassete e na contratação de um profissional habilitado para desenvolver um projeto amplo de comunicação dentro da entidade.

Apesar de bastante recente, o trabalho em vídeo dentro do Sindicato dos Rodoviários vem desenvolvendo-se rapidamente sob a coordenação de Mário Galluzi Junior (Marinho) que até já produziu, juntamente com os integrantes do Dpto. de Comunicação do Sindicato e com apoio do CEPS (Centro de Estudos Políticos e Sociais do ABC), um programa jornalísti-

co denominado "Rodovídeo" que é exibido nas dependências da sede da entidade.

Mas o projeto não pára por aí. A direção do Sindicato pretende fazer com que todos os programas produzidos pela equipe de vídeo sejam exibidos em locais de grande circulação e concentração de motoristas. Os vídeos também serão utilizados como subsídios de discussão nas assembleias da categoria durante suas campanhas.

Para que isso se torne possível, a direção da entidade já providenciou a aquisição de aparelhos de TV que serão inicialmente instalados nos departamentos médico, dentário e jurídico do Sindicato dos Trabalhadores Rodoviários do ABC, na rua Luís Pinto Flaquer, 441.

A presença de Eduardo Coutinho

Nesse II Encontro de Vídeo no Movimento Popular, Eduardo Coutinho, autor de "Cabra Marcado para Morrer", expôs algumas questões sobre vídeo popular, especialmente ligadas ao problema da linguagem.

Coutinho esclareceu que a linguagem, ou a forma como determinado assunto é tratado, também faz parte do conteúdo de qualquer meio de comunicação. Para ele, a linguagem, tanto no vídeo popular como no cinema político, está sujeita a grandes riscos. O mais grave consiste em pretender forçar um tom linear que evite o aparecimento da contradição e do acaso.

O cineasta criticou as produções populistas que transformam o povo em herói máximo. "O Rambo de esquerda não me interessa", declarou no II Encontro.

Coutinho também discorda das posições triunfalistas de alguns realizadores de vídeo popular. Segundo ele, ainda é muito cedo para avaliar a reação do público popular frente a essas produções. Porém, não acredita que o caminho seja semelhante ao da Rede Globo, que se contenta com o simples resultado do IBOPE.

O vídeo-educativo na Bolívia

No último semestre do ano passado, a cidade de Cochabamba publicou o segundo número de um informativo sobre a situação do vídeo na Bolívia — o "vídeo-educativo".

Atualmente, esse país vem vivendo um crescente processo de descaracterização da sua cultura. A privatização dos canais de televisão e os estreitos laços mantidos com a Rede Globo do Brasil e com a Televisão do México reforça-

ram a imposição de um modelo cultural distante dos costumes do povo boliviano.

O "Vídeo-Educativo" expôs essa realidade. Acrescentou. Se ele pretendeu ser algo mais do que um simples boletim sobre vídeos, atingiu o seu objetivo. Além da divulgação de vários programas bolivianos, há nele também espaço para a discussão de propostas que agitem, de modo significativo, a política imperialista dos meios de comu-

niciação de massa.

Os bolivianos mais conscientes, conforme se enfatizou naquela edição, estão na mira de um sistema de informação potencializador de suas próprias identidades culturais. Querem derrubar a triste evidência de que "las clases sociales estan siendo transformadas en publico". E sabem que os veículos mantenedores dos interesses de uma minoria atrelada ao Poder atrapalham, mas não impedem, de forma definitiva, o tiro certo.